

Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR


Atena
Editora
Ano 2021

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom
(Organizadoras)

Sou um aprendiz do tempo,
A vida me ensina,
Todo canto e momento,
Na chegada e partida,

1

Na dor do educador,
No verso e na rima,
Na canção do trovador,
Nos olhos da menina,

leio o mundo e o livro,
Um pensar, devaneio,
Ando preso? Estou livre?
liberdade ou maneió?



Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR


Atena
Editora
Ano 2021

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom
(Organizadoras)

Sou um aprendiz do tempo,
A vida me ensina,
Todo canto e momento,
Na chegada e partida,

1

Na dor do educador,
No verso e na rima,
Na canção do trovador,
Nos olhos da menina,

Leio o mundo e o livro,
Um pensar, devaneio,
Ando preso? Estou livre?
liberdade ou maneio?



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadoras: Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar / Organizadoras Adriana Regina Vettorazzi Schmitt, Jacinta Lúcia Rizzi Marcom. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-501-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.010212209>

1. Educação. I. Schmitt, Adriana Regina Vettorazzi (Organizadora). II. Marcom, Jacinta Lúcia Rizzi (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O ensino e a aprendizagem são processos que se inter-relacionam e se complementam. Hoje, mais do que nunca, esses processos ocorrem nos espaços formais e não formais de educação. As descobertas e inquietações acompanham a nova geração de hiperconectados.

Como muito bem destaca Moran (2012, p. 15) “A educação olha para trás, buscando e transmitindo referências sólidas no passado. Olhas para hoje, ensinando os alunos a compreender a si mesmos e à sociedade em que vivem. Olha também para o amanhã, preparando os alunos para os desafios que virão”.

Nesse contexto, a escola deve impregnar de sentido cada momento da vida dos estudantes, para que eles se apaixonem pelo ato de aprender. Nessa instigante tarefa, o professor é peça chave para oferecer aos alunos uma visão plural das múltiplas dimensões sociais, políticas, culturais, religiosas e educacionais que os cercam. A fim de torná-los mais ativos e reflexivos para viver em sociedade.

Partindo dessas premissas, a presente obra objetiva dialogar sobre a interpelação de várias temáticas cujo resultado é um processo de produção coletiva composto por vinte e nove capítulos. Esses apresentam elementos provocativos que colaboram com o debate e a ressignificação dos discursos que permeiam cada leitura.

Essas aproximações propõe ao leitor trilhar caminhos interessantes. Permitem iniciar discussões e compreender as relações existentes entre o currículo e a didática. Em seguida, as abordagens seguem por narrativas que discutem experiências com o uso de Histórias em Quadrinhos, cinema, capoeira, literatura de cordel, poemas, extensão, objetos de aprendizagem, educação empreendedora, cultura da paz, ensino médio inovador, alternâncias pedagógicas, estratégias cognitivas, lógica fuzzy na avaliação diagnóstica, prática de vivência de minicooperativas, abordagens de probabilidade, educação do campo e gestão, como práticas didáticas.

Esta obra, permite delinear a importância de olhar as relações estabelecidas entre as múltiplas dimensões, dos temas transversais que permeiam e cercam a vida dos estudantes na escola. Convidamos o leitor a adentrar conosco nesse maravilhoso terreno de descobertas. A deleitar-se com cada pesquisa que de forma crítica leva cada um e cada uma a estabelecer conexões entre o currículo, a didática, e a transversalidade com que esses diversos temas abordados perspectivam o alcance de resultados significativos.

Boas e instigantes leituras!

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

REFERÊNCIAS

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Papyrus Editora, 2012.

SUMÁRIO

I. EDUCAÇÃO E TEMAS TRANSVERSAIS DIÁLOGOS CONVERGENTES E ARTICULAÇÃO INTERDISCIPLINAR

CAPÍTULO 1..... 1

INQUIETAÇÕES SOBRE PESQUISA EDUCACIONAL

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0102122091>

CAPÍTULO 2..... 9

CURRÍCULO E DIDÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DO CONTEXTO DA PRÁTICA

Rita de Cássia da Silva Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0102122092>

CAPÍTULO 3..... 14

A MATEMÁTICA QUE SURPREENDE E DESAFIA - APRENDENDO COM HQS

Renato Apolo Prado

Evonir Albrecht

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0102122093>

CAPÍTULO 4..... 22

CINEMA CARTOGRÁFICO: REGIONALIZAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO NO SERTÃO SERGIPANO

Jessica Gonçalves de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0102122094>

CAPÍTULO 5..... 33

A PRESERVAÇÃO DA ÁGUA NOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM: SABERES E POSSIBILIDADES DE ENSINO

Anderson Luiz Ellwanger

Elsbeth Léia Spode Becker

Jussane Rossato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0102122095>

CAPÍTULO 6..... 47

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Stephanie Vanessa Penafort Martins Cavalcante

Tatiana do Socorro dos Santos Calandrini

Camila Rodrigues Barbosa Nemer

Nely Dayse Santos da Mata

Rubens Alex de Oliveira Menezes

Marlucilena Pinheiro da Silva

Dilson Rodrigues Belfort

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0102122096>

CAPÍTULO 7.....56

EFICACIA DE UN PROGRAMA PARA DESARROLLAR ESTRATEGIAS COGNITIVAS Y APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO DESDE LA FÍSICA

Iván Ramón Sánchez Soto

Roberto Esteban Aedo García

Pedro Arturo Flores Paredes

Javier Alejandro Pulgar Neira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0102122097>

CAPÍTULO 8.....72

INTRODUÇÃO DA CAPOEIRA COMO UMA ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE

Rocijane Maria Venceslau

Mauricio Cesar Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0102122098>

CAPÍTULO 9.....81

OFICINA DE ESPORTE DE ORIENTAÇÃO: UMA VIVÊNCIA DE EXTENSÃO MULTIDISCIPLINAR E INCLUSIVA EM CATALÃO (GO)

Cibele Tunussi

Carlos Henrique de Oliveira Severino Peters

Valteir Divino da Silva

Alvim José Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0102122099>

CAPÍTULO 10.....91

O MITO DA CAVERNA EM CORDEL: DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA POÉTICA E ENSINO DE FILOSOFIA

Natan Severo de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220910>

CAPÍTULO 11.....98

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO EDUCAR PARA A PAZ

Cristiane de Souza Amaral Hax

Jefferson Marçal da Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220911>

CAPÍTULO 12.....108

CONFLITOS ENTRE IRMÃOS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO INTRAFAMILIAR

Flora Alves Giffoni

Sara Guerra Carvalho de Almeida

Cláudia Maria Pinto da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220912>

CAPÍTULO 13.....	119
RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM-AVALIAÇÃO DE FUNÇÕES	
Norma Suely Gomes Allevato Alessandra Carvalho Teixeira Ricardo Gonçalves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220913	
CAPÍTULO 14.....	132
O REDESENHO CURRICULAR ENTRE A EXPECTATIVA E A REALIDADE: O PROGRAMA ENSINO MÉDIO INOVADOR EM CAMPO GRANDE – MS	
Marlon Nantes Foss Ana Paula Camilo Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220914	
CAPÍTULO 15.....	156
PERCEPÇÃO DOS EXTENSIONISTAS DO PROJETO DE EXTENSÃO SAÚDE COLETIVA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE BELO HORIZONTE ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Adriana Rodrigues Tristão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220915	
CAPÍTULO 16.....	167
AFLUÊNCIA DE SABERES	
Marcos Rogério Heck Dorneles	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220916	
CAPÍTULO 17.....	184
ALTERNÂNCIAS PEDAGÓGICAS E DESCOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA LICENA/UFV	
Emiliana Maria Diniz Marques Tommy Flávio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220917	
CAPÍTULO 18.....	196
MINICOOPERATIVA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO PARA O MUNDO DO TRABALHO	
Evandro Carlos do Nascimento Luciana Neves Loponte	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220918	
CAPÍTULO 19.....	224
A PROBABILIDADE QUE A HISTÓRIA NOS CONTA	
Ana Lucia Nogueira Junqueira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220919	

CAPÍTULO 20.....	242
A SUBJETIVIDADE DE UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA: O SENTIDO DAS AÇÕES EDUCATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA	
Maria de Fátima Magalhães Mariani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220920	
CAPÍTULO 21.....	252
ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO – CONCEITOS BASILARES	
Adelcio Machado dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220921	
CAPÍTULO 22.....	262
MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA PRÁTICA EDUCATIVA DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL LUIZ JOSÉ GONÇALO EM SAPÉ – PB	
Tatiane Santos da Silva	
Maria Selma Santos de Santana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220922	
CAPÍTULO 23.....	274
LÓGICA FUZZY NA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DE CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS	
Patrícia Takaki	
Márcio Matias	
Hamilton Gomes	
Matheus Honorato	
Iuri Galdino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220923	
CAPÍTULO 24.....	294
CONSIDERAÇÕES PARA AS ARTES INTEGRADAS: UMA EDUCAÇÃO PELA ARTE CONTEXTUALIZADA	
Aline Folly Faria	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220924	
CAPÍTULO 25.....	304
EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: UM ENFOQUE FOUCAULTIANO SOBRE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR E QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO	
Damião Amity Fagundes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220925	
CAPÍTULO 26.....	314
O ENSINO DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA COMO FORMADOR DE AGENTES DIFUSORES DO PATRIMÔNIO	
Eder Donizeti da Silva	
Adriana Dantas Nogueira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220926	

CAPÍTULO 27.....	324
O ENSINO DESENVOLVIMENTAL COMO BASE DE ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA	
Dilliany Mouzinho Pedrosa Castro	
Valdirene Gomes de Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220927	
CAPÍTULO 28.....	338
PREDITORES DA AUTOPERCEÇÃO DO DESEMPENHO EM MATEMÁTICA DE ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO	
João Feliz Duarte de Moraes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220928	
CAPÍTULO 29.....	348
MODALIZADORES EPISTÊMICOS EM EDITORIAIS DE REVISTAS SOBRE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA	
Jacqueline Wanderley Marques Dantas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220929	
CAPÍTULO 30.....	362
ECOSISTEMAS PARA LA GESTIÓN DEL CONOCIMIENTO EN LAS ORGANIZACIONES: ALIANZAS MULTIDISCIPLINARES INTERINSTITUCIONALES	
Emilio Álvarez-Arregui	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220930	
CAPÍTULO 31.....	378
GESTÃO DOS PROCESSOS DE COMPRAS: UM COMPARATIVO ENTRE AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS CATARINENSES	
Guilherme Krause Alves	
Rogério da Silva Nunes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220931	
CAPÍTULO 32.....	395
A INSEPARABILIDADE ENTRE EDUCAÇÃO E CIDADANIA NO PROCESSO EDUCATIVO	
Thiago Gadelha de Almeida	
Maria Aldeisa Gadelha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220932	
CAPÍTULO 33.....	406
O INÍCIO DA INTERIORIZAÇÃO DEMOCRÁTICA DA EDUCAÇÃO TÉCNICA E TECNOLÓGICA: A CRIAÇÃO DO <i>CAMPUS</i> AVANÇADO FORMOSO DO ARAGUAIA, DO INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS	
Marlon Santos de Oliveira Brito	
Francisco Welton Silva Rios	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.01021220933	

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	416
ÍNDICE REMISSIVO.....	417

MINICOOPERATIVA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO PARA O MUNDO DO TRABALHO

Data de aceite: 02/09/2021

Evandro Carlos do Nascimento

<http://lattes.cnpq.br/2456168908639193>

Luciana Neves Loponte

<http://lattes.cnpq.br/3071712476454438>

RESUMO: A proposição de miniempresas administradas por alunos como um espaço controlado de experimentação em cursos de Administração tem a intenção de levá-los a aprenderem a trabalhar dentro das regras de mercado, unindo teoria e prática a partir do aprender fazendo. Propõe-se aqui, no entanto, a adoção de minicooperativas, para prepará-los para uma perspectiva mais ampla, em que a vivência na prática cooperativa gera aprendizagem significativa e emancipadora para o mundo do trabalho. Assim, esta pesquisa pergunta-se como uma minicooperativa pode contribuir nos processos de formação emancipadora na educação profissional em Administração? Para isso, busca-se compreender os processos constitutivos de uma minicooperativa e seus impactos na formação emancipadora dos estudantes, propondo essa ferramenta como um produto educacional tanto em ensino médio integrado quanto na graduação em Administração. No intuito de observar os desafios e possibilidades para o mundo do trabalho, foi utilizado o método de pesquisa-ação em uma escola de educação profissional e tecnológica. Ali, uma minicooperativa foi

planejada, constituída, operada e encerrada por uma turma de 37 alunos, com o acompanhamento de sete professores da área técnica do curso de Administração. O uso da minicooperativa como ferramenta pedagógica mostrou-se uma proposta vantajosa para o processo emancipatório com o desenvolvimento dos quatro pilares da educação. Essa experiência positiva não ocorreu somente para os alunos e na relação que tiveram com os professores, mas repercutiu na escola e na comunidade local, chamando o interesse de outros alunos e evidenciando para a comunidade a qualidade na formação dos alunos.

PALAVRAS - CHAVE: Minicooperativa. Miniempresa. Ensino. Aprendizagem. Emancipação.

ABSTRACT: The proposition of mini-companies run by students as a controlled space for experimentation in business market intends to lead them to learn to work within the rules of the market, joining theory and practice from learning by doing. However, this research proposes to adopt mini-cooperatives to prepare them for a broader perspective, where living in cooperative practices generates meaningful and emancipatory learning for the world of work. Thus, this research asks how can a minicooperative contribute to the emancipatory education processes in high school and undergraduate schools in Business Administration? To this end, we seek to understand the constitutive processes of a mini-cooperative and their impacts on the emancipatory education of students, proposing this tool as an educational product for both integrated high school and undergraduate in

Business Administration. In order to observe the challenges and possibilities of this tool in training for the world of work, the action research method was used in professional training and technical education school. There, a mini-cooperative was planned, constituted, run and closed by a class of 37 students, accompanied by seven teachers from the technical area of the Business Administration Undergraduate program. The use of the mini-cooperative as a pedagogical tool proved to be an advantageous proposal for the emancipatory process with the development of the four pillars of education. This positive experience not only occurred for the students and the relationship they had with the teachers, but it had repercussions in the school as a whole and in the local community, drawing the interest of other students and highlighting to the community the quality of the students' training.

KEYWORDS: Mini-cooperative. Mini-company. Teaching. Learning. Emancipation.

1 | APRESENTAÇÃO

A proposta desta pesquisa está apoiada na necessidade de compreender as contribuições de uma minicooperativa na Educação Profissional e Tecnológica, entendendo-a como recurso pedagógico. Para isso, buscou-se elementos para uma maior compreensão do tema através de uma pesquisa-ação em um curso de graduação em Administração, tendo como foco a formação emancipadora para o mundo do trabalho. O curso em análise está vinculado ao Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), campus Frederico Westphalen (RS). Das experiências, vivências e percepções de discentes e docentes que ocorreram ao longo do segundo semestre de 2018 na realização de uma minicooperativa fundamenta-se este trabalho, em permanente diálogo com o referencial teórico e visando a reaplicação da proposta em cursos técnicos integrados ao ensino médio.

O tema da formação emancipadora tem como apelo a necessidade do aluno de entender o mundo do trabalho, através de uma vivência prática de utilização do conhecimento construído, juntamente com as interações humanas que ocorrem no dia a dia de trabalho.

A motivação para o estudo desse tema teve origem na percepção de que faltam oportunidades práticas na construção do conhecimento, bem como no entendimento de que os alunos têm necessidade de compreender como se dão as relações pessoais e profissionais no mundo do trabalho de forma mais vivencial.

Trabalho como professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) de Administração, e vi, nesta pesquisa, uma oportunidade de aprofundar e trabalhar o conceito de minicooperativa na prática, em uma escola como um projeto específico, ou embutida dentro de uma disciplina já existente. O interesse por minicooperativa surgiu pelo fato de ter implantado uma minie empresa em outra escola técnica federal, e por ter vivenciado um projeto integrador onde também funcionava uma minie empresa em um curso técnico integrado. Ao refletir sobre a diferença entre uma minie empresa e uma minicooperativa, o primeiro com o viés para o mercado de trabalho e o segundo com o potencial de voltar-se para o mundo do trabalho, surgiu a oportunidade de criar um produto / ferramenta que oportunizasse a construção de um modelo que propiciasse ao aluno um ambiente de emancipação para o

mundo do trabalho a partir da autonomia que uma cooperativa propicia.

Esta dissertação de mestrado, apresentada em forma de artigo, está organizada em cinco partes. A primeira, introduz o tema e apresenta o objetivo de pesquisa. Na sequência, faz-se uma revisão da literatura do tema, apresenta-se a metodologia, a análise dos dados e discussão dos resultados. Estes resultados são discutidos à luz da teoria evidenciando algumas conclusões que respondem ao tema da pesquisa e que sinalizam, igualmente, limitações e oportunidades futuras de pesquisa.

2 | INTRODUÇÃO

A missão da educação é formar um ser omnilateral, capaz de criticar e de fazer as suas escolhas, tornar-se um cidadão pleno e capaz de influenciar o seu próprio destino, interagindo com a comunidade em que está inserido e, por consequência, com o mundo do trabalho (RAMOS, 2017). A realidade na qual o educando se insere é uma construção social e dinâmica, na qual ele é cocriador. Por esta razão, a educação deve contribuir para o pleno desenvolvimento do indivíduo, preparando-o para o exercício da cidadania e qualificação para o mundo do trabalho de forma emancipada, com livre pensar e agir para o desenvolvimento social (NUNES; MASCARENHAS, 2012).

Muito mais do que apenas aproximar a escola do mundo do trabalho, cabe ao processo educativo dar as condições para que os jovens possam lidar com as realidades sociais e profissionais nas quais se inserem. Para isso, o conhecimento deve articular-se a partir de quatro aprendizados a serem desenvolvidos para que o aprendiz possa orientar-se nesse mundo complexo, agitado e mutável. É preciso aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (DELORS et al., 1998).

O processo educacional dominante no ensino de Administração ainda está baseado na disciplinaridade e na oralidade discursiva (SANTOS; MARTINS, 2012). Os autores chamam a atenção para a “natureza complexa e difusa do fenômeno de ensino-aprendizagem em administração” (SANTOS; MARTINS, 2012, p. 297), em que ainda se faz necessário elaborar uma epistemologia própria e diferenciada da tradicional nessa área.

Espaços vivenciais no curso de Administração existem através da participação em empresas juniores ou de miniempresas, mas não são prescrições obrigatórias pelas Diretrizes Curriculares Nacionais. Empresas juniores são associações constituídas juridicamente sem fins lucrativos, supervisionadas por Universidades, em que estudantes prestam serviços de consultoria para empresas e organizações, proporcionando atuação profissional antes da finalização do curso de graduação (BERVANGER; VISENTINI, 2016; CAMPOS et al., 2014). Miniempresas, por sua vez, são espaços de aprendizagem baseados no aprender fazendo, em que os estudantes vivenciam uma experiência prática em negócios, através da organização e operação de uma empresa em um ambiente controlado (ALCANTARA et al., 2018, LIMA, 2008). A proposta de uma minicooperativa, no entanto, não é encontrada na

literatura. No contexto de escolas agrícolas, existe a prática de cooperativas-escolas, em que se busca corresponsabilizar os alunos em projetos agropecuários e educar os alunos dentro dos princípios do cooperativismo (BELEZIA, 2006).

O cooperativismo pode ser entendido como um processo em que pessoas se associam livremente para unirem suas forças produtivas e suas economias para “se desenvolverem econômica e socialmente, elevando seu padrão de vida, ao mesmo tempo em que beneficia-se a sociedade em geral, pelo aumento e barateamento da produção, do consumo e do crédito” (SILVA, 2009, p. 50).

O cenário atual caracteriza-se por profundas mudanças no mundo do trabalho, marcado pela reestruturação produtiva, flexibilização e desregulamentação, possibilitando um maior espaço para o trabalho cooperativo (LINS, 2001). Segundo Silva (2009), o cooperativismo resiste no interior do sistema capitalista, cuja crise de valores faz com que ele se renove como proposta para criação e alternativas para um sistema mais solidário e humano.

O cooperativismo tem um papel importante na redução dos índices de desemprego (OLIVEIRA; SILVA; SILVA, 2014). Pode ser interpretado de maneiras diversas, a exemplo de criar condições de precarização das condições de trabalho ou configurando-se como alternativa positiva no sentido de criar oportunidades para trabalhadores e sinalizando uma maior segurança em vários aspectos (LINS, 2001).

Nesse contexto, pergunta-se: como uma minicooperativa pode contribuir nos processos de formação emancipadora na educação profissional em Administração, tanto em ensino médio integrado quanto na graduação? A minicooperativa se apresenta no sentido de proporcionar a integração e a vivência na prática de aprendizagem significativa e emancipadora ao discente para o mundo do trabalho.

Diante da questão de pesquisa, tem-se o seguinte objetivo geral: compreender os processos constitutivos de uma minicooperativa e seus impactos na formação emancipadora dos estudantes de Administração, propondo um produto educacional para formação profissional emancipadora.

São objetivos específicos:

a) compreender como o modelo de minicooperativa associa-se os processos pedagógicos;

b) identificar, a partir da teoria, os princípios desencadeadores de educação emancipatória;

c) compreender os elementos formadores presentes na minicooperativa que se configuram como articuladores de processos emancipatórios;

d) construir um produto educacional que apresente a minicooperativa como uma ferramenta educacional nos processos de formação profissional emancipadora para o ensino médio integrado profissional e tecnológico e para a graduação em Administração.

Desse modo, a pesquisa busca investigar o uso de um projeto de minicooperativa

em uma instituição de educação profissional como ferramenta pedagógica para o processo de ensino, de aprendizagem e do desenvolvimento de habilidades do aluno para a vida profissional e tecnológica, com foco nas vantagens associadas.

3 | REVISÃO DA LITERATURA

O presente referencial teórico busca discorrer sobre conceitos que auxiliarão na compreensão do problema de pesquisa. Serão apresentados estudos já realizados sobre cooperativa e seus impactos nos processos formativos educacionais e, posteriormente, serão apresentados conceitos como concepção de educação emancipatória e processos pedagógicos decorrentes.

3.1 Cooperativismo e a minicooperativa como recurso pedagógico constituidor de processos formativos emancipatórios

O sistema cooperativo no Brasil, dados de 2018, abrange 6.868 cooperativas, 14,6 milhões de cooperados e representa a geração de 425,3 mil empregos diretos. Se de 2014 a 2018 o percentual da população ocupada aumentou 5%, a força de trabalho nas cooperativas aumentou 17,8% (SISTEMA OCB, 2019).

A história do cooperativismo é anterior ao modo de produção capitalista, mas o cooperativismo como o conhecemos hoje teve suas primeiras manifestações no século XVIII a partir da confrontação do modelo de organização do trabalho proposto pelo capitalismo (CHIARIELLO, 2012).

Cooperativas são sociedades de pessoas que se unem para uma atividade produtiva que gere um retorno econômico para os envolvidos. Em uma visão ampla, vincula-se a um propósito maior de desenvolvimento social:

O cooperativismo é um modelo econômico-social que gera e distribui riqueza de forma proporcional ao trabalho de cada associado. Considerado pela ONU "um modelo de negócios que constrói um mundo melhor", é uma opção de crescimento econômico que caminha junto com o desenvolvimento social, pautada por valores humanos como solidariedade, responsabilidade, democracia e igualdade (SESCOOP/RS, [2019?])

No cooperativismo, são sete os princípios que guiam a sua atuação: adesão voluntária e livre dos seus membros; gestão democrática, em que todos os membros tem igual voto e participam da formulação das políticas e na tomada de decisões; participação econômica equitativa para a composição do capital da organização, tanto no aporte de recursos para a cooperativa quanto na distribuição do capital gerado para os seus integrantes; autonomia e independência; comprometimento com o futuro da associação através da formação e educação dos seus membros e também em relação à comunidade na qual se insere; cooperação entre cooperativas; e interesse pela comunidade com vistas ao desenvolvimento sustentável (SISTEMA OCB, [2019?]).

A proposta de associação por meio de cooperativas tem sido sustentada pela visível

produtividade e adaptação ao mercado em que se inserem, do ponto de vista externo, e pela satisfação dos seus associados, sob a perspectiva interna (BELEZIA, 2006). O sistema cooperativo é caracterizado pela complexidade de suas relações, em que várias lógicas se misturam, de um lado destacando as relações econômicas e de outro a necessidade de ser no mundo (SILVA, 2009).

Tanto uma miniempresa quanto uma minicooperativa são espaços de experimentação em que o aluno, em pequena escala, experimenta de forma controlada os desafios e rotinas inerentes a uma organização. No entanto, a diferença entre um e outro está no tipo de organização vivenciada.

Uma empresa, segundo Castiglioni e Tancredi (2014, p. 19), é “uma organização econômica em que são reunidos e combinados fatores de produção, desenvolvendo uma determinada atividade com objetivo de lucro.” Já uma cooperativa configura-se por “uma organização em que pessoas reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica de proveito comum, sem objetivo de lucro” (CASTIGLIONI; TANCREDI, 2014, p. 23). Os autores ressaltam que uma cooperativa não pode ser considerada uma “sociedade empresária”.

Em uma empresa, o poder de decisão está concentrado em um ou mais indivíduos que detêm o capital da empresa. No caso de uma cooperativa, o poder de decisão está distribuído entre os associados. Nesse sentido, se em uma miniempresa o objetivo é levar os alunos a aprenderem as regras de funcionamento do mercado (LIMA, 2008), em uma minicooperativa o objetivo é justamente eles aprenderem sobre a dinâmica do mundo do trabalho e entenderem-se como sujeitos de um processo emancipatório.

As minicooperativas são geridas por discentes na realização de uma atividade econômica real, operando em um ambiente controlado e com fins pedagógicos. Para isso eles necessitam fazer um plano de negócio, construir o estatuto da minicooperativa, fazer assembleias para definir seu presidente, suas diretorias, estruturas, conselho fiscal e definições gerais para que o produto ou serviço criado tenha suporte para ser oferecido aos clientes.

Entende-se que todo o conhecimento que o aluno construiu ao longo do seu curso agora poderá experimentá-lo a partir de uma vivência real. Libanio (2002, p. 22) reforça o papel da pedagogia como um ente de crescimento exponencial, ao intermediar a construção do pensamento e os indivíduos:

[...] aprender a conhecer é a pessoa considerar-se uma ilha num arquipélago, para não ficar perdida e isolada, constrói quanto mais pontes possíveis para as outras ilhas, a ponto de perceber-se ao final numa rede maravilhosa de relações de saber.

Tanto Houssaye et al. (2004) quanto Libanio (2002), destacam a importância da pedagogia na interação entre as pessoas e a experiência prática no processo de ensino e de aprendizagem, levando o indivíduo a conhecer e interagir com outras teorias e

experiências.

Alves e Garcia (1999, p. 73), trazem à discussão um outro viés, em que:

A constituição de um objeto ao mesmo tempo interdisciplinar, polidisciplinar e transdisciplinar, permite, muito bem, criar a troca, a cooperação e a policompetência. [...] a interdisciplinaridade pode significar, pura e simplesmente, que diferentes disciplinas se reúnam [...] Mas a interdisciplinaridade pode, também, querer dizer troca e cooperação e tornar-se, assim, alguma coisa de orgânica. A polidisciplinaridade constitui uma associação de disciplinas ao redor de um projeto ou de um objeto que lhes é comum. Às vezes, as disciplinas são aí chamadas como técnicas especialistas para resolver tal ou tal problema [...].

No desenvolvimento de uma minicooperativa, os conteúdos disciplinares surgem no processo para explicar o que deve ser feito, porque e como, fluindo de forma integrada para entender todas as etapas envolvidas ao longo da sua criação, execução e encerramento. A interdisciplinaridade não é uma opção, mas uma exigência no método de colocar em prática uma minicooperativa.

Outro aspecto importante para o bom funcionamento de uma minicooperativa está na realização de atividades em grupo ou equipe. Cada participante tem uma função e precisa trabalhar pelo todo, apresenta uma série de ganhos ao aprendizado dos alunos. Entre as vantagens de trabalhos em grupo, Amaral (2006, p. 53) destaca que eles permitem aos alunos: “análise da situação; levantamento de objetivos; discussão de pontos importantes, de alternativas e de decisões a tomar; distribuição de tarefas e cargos (presidência, secretariado, e tesouraria de clubes e grêmios educativos); cobranças; aprender a falar e a ouvir; votações; escolhas”.

Chaves e Parente (2011) sinalizam, igualmente, a iniciativa, a autonomia e a criatividade como ganhos para a construção de uma identidade empreendedora e autônoma nos jovens.

Nesse sentido, o pensamento de Freire (2000, p. 46) embasa a necessidade de cada educando de se constituir em sua identidade:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.

Freire (2000) aponta para um novo papel a ser assumido pela educação, rompendo com o modelo existente que propõe valores que contribuem para a manutenção das diferenças de classe e em que os princípios econômicos se sobrepõem aos humanos.

Espera-se que uma educação empreendedora desenvolva atitudes, conhecimentos e habilidades de modo a favorecer o autoconhecimento e a autoconfiança dos jovens, de modo a que tomem a iniciativa, assumam riscos, com pensamento crítico, criatividade e

capacidade de solucionar problemas, e, também, que saibam planejar e se comunicar, trabalhando em equipe, bem como saibam explorar as oportunidades de empreender que surjam (EACEA, 2012).

À educação cabe fornecer um mapa por onde o educando consiga orientar-se para navegar em um mundo complexo, que deve estar embasado em pilares fundamentais: **aprender a conhecer**, responsável pelo interesse no conhecimento, pela compreensão do mundo; **aprender a fazer**, ligado à coragem de executar; **aprender a viver junto**, que desafia o indivíduo a conviver, cooperar e respeitar a todos, e **aprender a ser**, que explicita o papel do cidadão e o objetivo de viver, integrando os outros três saberes (DELORS et al., 1998).

Aprender a conhecer implica desenvolver a capacidade de compreender o mundo para que o indivíduo possa viver com dignidade, se comunicar e desenvolver suas capacidades profissionais. Conforme Delors et al (1998, p. 91):

O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

Para o primeiro pilar, Libanio (2002) explicita a necessidade de saber pensar, definindo este pilar como “aprender a conhecer e a pensar”. É necessário saber fazer perguntas que conduzam ao pensar, a relacionar o conhecimento com o seu contexto, formando um pensamento sistêmico.

Nesse sentido, as experiências que o educando vivencia ao longo do seu processo educacional, estabelece relação significativa com o conhecimento historicamente sistematizado. E essas experiências estão em boa parte ligadas às experiências do mundo do trabalho. O aprender a fazer surge, então, como uma necessidade indissociável do aprender a conhecer. O aprender a fazer está ligado principalmente à formação profissional, ensinando o educando a colocar em prática os seus conhecimentos, entendido no contexto de trabalho em que se insere. (DELORS et al., 1998). Conforme Libanio (2002), uma relação dinâmica e criativa estabelece-se entre o conhecer e o fazer. “[...] Novos conhecimentos modificam o fazer, e novas práticas provocam reestruturação de conhecimentos” (LIBANIO, 2002, p. 56). Esse dinamismo valoriza cada vez mais o coletivo em detrimento ao individual.

Aprender a viver juntos é um dos grandes desafios da educação, em um mundo marcado pelas diferenças, pelos conflitos, pela competição. Para isso, é necessário desenvolver a descoberta progressiva do outro e promover a participação em projetos comuns (DELORS et al., 1998).

Entender que cada indivíduo é um “ser-em-relação” é fundamental para o processo educacional. Isso implica aprender a ser, o que, segundo Libanio (2002), é a tarefa educativa mais difícil. Significa compreender o ser humano de forma ampla, equilibrada e em relação uns com os outros, de modo a entender a realidade atual e ter condições de

construir realidade futura (LIBANIO, 2002).

A proposta de uma educação que se entende a partir dos quatro pilares possibilitou a construção de novos paradigmas para a prática docente, a começar pela revisão dos conteúdos escolares.

Os autores convergem em seus textos, valorizando a autonomia do indivíduo, a sua realização e emancipação, onde ele se torna sujeito protagonista da sua própria história.

3.2 O processo formativo de construção da emancipação dos sujeitos

O processo de emancipação pela educação busca a plenitude de um indivíduo e, nesse sentido, a relação entre teoria e prática na minicooperativa é um solo fértil para constituir os processos formativos construtores de autonomia do conhecimento.

Concordando com Freire (1980, p. 39),

[...] é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.

Nessa direção, docentes e discentes carregam a possibilidade de compreender suas relações com o mundo, não mais como realidade estática, mas como realidade em transformação, em processo; assim, são estimulados a enfrentar a realidade como sujeitos da *práxis*, da reflexão e da ação verdadeiramente transformadora da realidade, constituindo autonomia.

Segundo Kira, Medeiros e Santos (2013), a autonomia do indivíduo é o foco central no processo de emancipação do ser humano. Como promotores dessa autonomia individual está o respeito à individualidade de cada um, a sua bagagem de conhecimentos e experiências, formada pela valorização do seu jeito de viver, sua classe social e cultura, que ajudarão a construir o novo conhecimento. Negar isso a outro indivíduo é um ato de desumanização de um para com o outro.

Para Freire, em seu livro *Educação como Prática da Liberdade* (FREIRE, 1999, p. 30), a problemática são as pessoas, a humanização e a desumanização, a que o autor denomina como o “ser mais” e o “ser menos”. A desumanização é uma distorção do potencial que o ser humano tem de ser mais. Para ele, o que se busca é a humanização “pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como ‘seres para si’”. Ainda segundo Freire (1999), a distorção do ser mais levará necessariamente a que o oprimido lute contra quem o fez menos, os opressores.

Essa premissa demonstra a existência de vários polos: a humanização e a desumanização; ser mais versus ser menos; trabalho livre versus trabalho escravo; alienação versus desalienação; opressor e oprimido; dominado e dominador. Mais do que saber da existência dessas desigualdades, Paulo Freire (1999) salienta que o processo de

libertação precisa acontecer a partir do oprimido, para que esse, uma vez no poder, não repita o comportamento de opressor que hospedara em si, o que caracteriza uma tarefa humanista e histórica.

Dentro desse contexto de autonomia e emancipação, Nunes e Mascarenhas (2012) vão ao encontro de uma proposta de educação que possibilite ao indivíduo passar por um processo de emancipação que o faça se impor perante o mundo, mesmo contra todas as adversidades que se encontram inseridas nas estruturas sociais. Para que o indivíduo tenha esse empoderamento, os autores defendem que o trabalho conjunto entre educador e educando pode potencializar ações emancipatórias. Isso se dá através de um enfrentamento e de um posicionamento crítico à sociedade, afastando o *status quo* opressor instaurado com a alienação e passividade oriunda de um estado de comodismo. Assim, todas as iniciativas estabelecerão uma *práxis* educacional emancipadora. Para que essa *práxis* se estabeleça de maneira sólida, é necessário a aquisição de uma base teórica por parte dos educadores, com a qual será possível relacionar a concepção de ser humano e do seu mundo, construindo aí uma prática política e educativa, capacitando os alunos a fazer interpretações críticas da realidade em que estão inseridos. Nunes e Mascarenhas (2012) fazem uma crítica clara ao quietismo e à opressão instalada na sociedade, impossibilitando a emancipação e não propiciando elementos que levem os indivíduos a emancipar-se. Nesse contexto, os educandos, como seres conscientes e pensantes, devem emanar de si uma pedagogia capaz de emancipá-los, levando a todos um desenvolvimento social que hoje só é propiciado a uma minoria.

Para que a emancipação dos indivíduos se torne prática no dia a dia das pessoas, Lima (2014) trabalha a ideia de que é necessário dar esforço de multilateralidade às intervenções pedagógicas de cada professor, saindo de uma prática linear para uma que observe o mundo concreto, levando em consideração as expectativas, visões e valores na construção de uma sociedade. O autor também afirma que é necessário fazer uma articulação com o mundo histórico, com uma leitura do que já passou, promovendo uma integração do que o mundo apresenta e o que o indivíduo traz consigo. Para que haja essa multilateralidade e articulação, é preciso que o ente promotor desse novo pensar, ou seja, o professor, tenha humildade na construção de um posicionamento político. Esse posicionamento deve estar centrado na formação de um cidadão e ser dialético, com foco na leitura do que o mundo apresenta como verdade. Em ambos faz uma interpretação do que existe de melhor para promover a emancipação dos indivíduos, desenvolvendo uma escola contemporânea, onde a educação é feita para os indivíduos e pelos próprios indivíduos (LIMA, 2014).

Tendo como objeto de análise o ensino médio integrado, Ramos (2017) afirma que é necessário que os educadores se desafiem a formar indivíduos para as humanidades e para a ciência e tecnologia, construindo uma proposta curricular integrada, possibilitando, dessa forma, desenvolver o indivíduo como um ser humano repleto de potencialidades, e

capaz de assumir o seu protagonismo na sociedade e no trabalho que constrói.

Nesse sentido Saviani (1989) defende a união de trabalho e escola a partir do conceito marxista de politecnicidade ou a que se poderia chamar também de educação tecnológica, levando o conhecimento intelectual a ser construído juntamente com o trabalho produtivo. Esse conceito de educação tecnológica / politecnicidade, fica mais elucidado em sua aplicabilidade quando define-se a politecnicidade como capacidade de fazer diversas tarefas, enquanto a educação tecnológica vincula-se ao conceito de um indivíduo omnilateral, capaz de desmembrar e construir as novas tecnologias, à medida que o trabalho evolui (SAVIANI, 1989). Para Chiariello (2012, p. 9) o conceito de politecnicidade também se aplica a cooperativas, foco de sua pesquisa, e reforça a necessidade de o conhecimento estar caminhando junto com a realização das atividades:

Por sua vez, o conceito de politecnicidade avança no sentido de propor a omnilateralidade do trabalhador, questionando a divisão técnica do trabalho sob o capitalismo, postulando que os trabalhadores participem integralmente da condução do processo de trabalho incorporando os conhecimentos científicos e técnicos sobre as atividades, aproximando mão e cérebro e recusando a formação de classes distintas para gestão e para execução do trabalho. Dessa forma, a politecnicidade ensina a autogestão da produção realizada por trabalhadores politécnicos, baseados em uma cooperação autêntica, vislumbrando a transformação da sociedade nos planos econômico, político e social.

Na minicooperativa será tratada igualmente a concepção de formação profissional que se alia ao conceito de emancipação, na perspectiva de romper com a ideia de formação restrita que serve ao “mercado”. Dessa forma, busca-se compreender o conceito de trabalho a partir de seu princípio educativo, que permite uma visão ampliada de formação para o mundo do trabalho. Entende-se que a proposta de minicooperativa é um instrumento de rompimento com o modelo tradicional, de formação para o mercado, por ser um instrumento de formação emancipadora para o mundo do trabalho.

3.3 O processo de ensinar e aprender e a prática docente em projetos

Dentro do processo de ensinar e aprender, existe a necessidade de criar condições para que o conhecimento seja construído e absorvido, com facilidade e clareza. Para tanto o ambiente deve ser de didáticas diversificadas, e com estímulo a geração de ideias por parte dos alunos. Diante deste ambiente favorável, tem-se as questões de ensinar a importância do aprendizado contínuo, e formar pessoas com uma visão mais ampla de mundo, com um foco mais humanista. Candau (2001, p. 13-14) afirma, neste sentido, que a didática instrumental

[...] é concebida como um conjunto de conhecimentos técnicos sobre o “como fazer” pedagógico, conhecimentos esses apresentados de forma universal e consequentemente desvinculados dos problemas relativos ao sentido e aos fins da educação, dos conteúdos específicos, assim como do contexto sociocultural concreto em que foram gerados.

É preciso sair da didática instrumental para a didática fundamental, para modelar este novo sentido na construção do conhecimento, assim como formar os alunos para o aprendizado contínuo, trazendo-os para a realidade do dia-a-dia, fazendo as melhores adaptações e práticas, no sentido de adaptar a maneira de ensinar. Sair da didática instrumental, e partir para a didática fundamental, que foca nas dimensões técnicas, humanas, e políticas, de maneira simultânea; disto emergirá um modelo mais completo de aprendizagem, que valoriza o meio em que vive o aluno, que percebe suas necessidades e suas vivências, e valoriza a capacidade do aluno interagir no meio que atua, formando um cidadão ético, envolvido no seu meio, tendo iniciativas sociais e políticas na sociedade. T tamanha interação influenciará positivamente, na presença dos alunos em sala, aumentando a dinâmica do aprender (CANDAU, 2001).

Conforme Freire (2002), não se pode esperar que haja construção do conhecimento onde o aluno é convidado a “memorizar” os conteúdos “narrados” pelo professor. O professor precisa atuar como mediatizador do conhecimento, utilizando práticas problematizadoras, possibilitando que atos de cognoscentes se renovem constantemente. Freire destaca: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Entender o que move o aluno para participar do início até o encerramento da minicooperativa é um aspecto importante desta pesquisa. Buscar uma maneira funcional e prática de garantir uma avaliação positiva de cada estudante passa pela inovação na hora de implantar uma didática que consiga levar ao aluno o ensino e a aprendizagem no mesmo momento (BOTH, 2012). Como possibilidade didática, o uso do método de projetos na proposta da minicooperativa mostra-se bastante viável para o desenvolvimento dos quatro pilares educacionais e para a emancipação para o mundo do trabalho.

A revisão da literatura apresentada acima não tem a pretensão de esgotar o tema em si, mas de trazer à tona contribuições significativas para a reflexão e utilização de minicooperativa como ferramenta pedagógica.

4 | METODOLOGIA

Para responder à questão de pesquisa, este trabalho é definido como uma pesquisa aplicada, de cunho exploratório e de abordagem qualitativa. Tais pesquisas buscam maior proximidade com o tema estudado, de modo a que se possa construir hipóteses ou trazer novos elementos para análise, sendo geralmente bastante flexíveis (GIL, 2017).

Pesquisas qualitativas buscam atender aos seus objetivos a partir do significado dado pelos seus participantes (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013), explorando realidades que não podem ser quantificadas (MINAYO, 2001).

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 22).

O delineamento desta pesquisa deu-se através de uma pesquisa-ação, “porque a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro” (THIOLLENT, 2011, p. 13). Trata-se de um método apropriado quando há uma ação por parte das pessoas sobre uma situação problema de forma cooperativa, e em que o pesquisador tem um papel ativo na realidade dos fatos (THIOLLENT, 2011).

Para responder à questão de pesquisa e testar o produto educacional proposto, foi criada uma minicooperativa com os alunos da disciplina de Práticas Organizacionais II do bacharelado em Administração do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), campus Frederico Westphalen (RS). Ainda que a minicooperativa tenha ocorrido no âmbito da graduação, os achados desta pesquisa são importantes para a proposição de um produto pedagógico tecnológico para o curso técnico de Administração.

O desenvolvimento de uma pesquisa-ação é bastante flexível e seu planejamento pode mudar conforme as circunstâncias e dinâmicas dos grupos envolvidos (THIOLLENT, 2011). Para a coleta de dados, foram utilizadas fontes primárias e secundárias. Como fonte de dados primários constaram: observação participante, respostas a questionário com perguntas abertas respondidas por escrito por alunos e professores, dois grupos focais com os alunos da minicooperativa e uma entrevista individual, em profundidade, com chefe de ensino. Como dados secundários constaram ainda o referencial teórico, documentos de legislação, documentos fornecidos pelo IFFAR, entre outros.

Do questionário enviado para o aluno (ver Apêndice B), foram recebidos 37 retornos. Os questionários aos professores (ver Apêndice C) contaram com sete participações, incluindo o chefe de ensino. Os grupos focais contaram com a participação de 11 e 15 alunos, respectivamente. O primeiro grupo de alunos estava mais envolvido com a parte administrativa da cooperativa, enquanto o segundo grupo mais envolvido com a produção e venda das cuias de chimarrão – o produto fabricado e vendido pela minicooperativa. Os grupos focais contribuíram com um maior aprofundamento e detalhamento das experiências vividas com a minicooperativa.

Os dados coletados foram analisados qualitativamente através de análise de conteúdo com a construção de categorias descritivas, tendo como base o referencial teórico, que forneceu a base inicial para a classificação dos dados. Dentro desse contexto, as mensagens implícitas, temas silenciados e as dimensões contraditórias foram exploradas. Esse procedimento permitiu ao pesquisador reportar seus achados, partindo de uma reavaliação das ideias iniciais, com a possibilidade de novas ideias sobre o tema e

o problema pesquisado (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

4.4 Método de trabalho

As etapas utilizadas para a realização da pesquisa estão descritas a seguir:

a) pesquisa bibliográfica abrangendo livros, artigos e documentação da internet que embasaram a fundamentação teórica;

b) planejamento, com elaboração de projeto de ensino para a realização da minicooperativa;

c) realização da minicooperativa, com total protagonismo dos alunos da disciplina de Práticas Organizacionais II;

d) construção de questionários abordando os aspectos históricos, gerenciais, operacionais e oportunidades futuras de melhoria do sistema de minicooperativa dentro da Escola, tendo como base o referencial teórico pesquisado e as informações obtidas a partir de dados secundários;

e) realização de entrevista em profundidade com o chefe de ensino;

f) condução de grupos focais após encerramento do projeto de minicooperativa, buscando a percepção dos alunos sobre os trabalhos desenvolvidos;

g) descrição do caso, com base nas observações do autor, nas entrevistas e levantamento dos dados secundários;

h) análise crítica e propositiva do caso, a partir da pesquisa bibliográfica, da ótica histórica, da contribuição dos entrevistados e da percepção do autor.

No quadro 1 a seguir, apresentam-se as categorias de análise investigadas com base na revisão da literatura realizada e as perguntas que emergiram desse processo. Mais importante que as perguntas estão as respostas, que puderam vincular-se a mais de uma categoria de análise, com a utilização do software de análise de dados Maxqda.

Temática	Categorias de análise	Pergunta aos alunos	Pergunta aos professores
Minicooperativa como recurso pedagógico constituidor de processos formativos emancipatórios	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a conhecer (rede de relações de saber, saber pensar, compreender o mundo, construir o conhecimento a partir da interdisciplinaridade) • Aprender a fazer (experimentação, vivência, criatividade, colocar em prática os conhecimentos) • Aprender a viver junto (trabalho em grupo, conviver, cooperar, descoberta progressiva do outro, assumir-se na relação com o outro) • Aprender a ser (fazer escolhas, autoconhecimento e autoconfiança, comunicação, iniciativa, autonomia, assumir-se ser social e histórico, pensante, comunicante, transformador, criador) 	<ul style="list-style-type: none"> • Quais as diferenças que você percebe no aprendizado por meio de uma minicooperativa em relação as outras disciplinas cursadas? 	<ul style="list-style-type: none"> • Por que a escola oferece aos seus alunos o projeto de minicooperativa? • Quais as vantagens para a escola associadas a esta proposta? • Quais as diferenças que você percebe em relação a um processo de ensino e de aprendizagem por meio de uma minicooperativa em relação às disciplinas convencionais?
O processo formativo de construção da emancipação dos sujeitos	<ul style="list-style-type: none"> • Plenitude (construir-se como pessoa) • Autonomia (respeito ao indivíduo, valorização do ser) • Empoderamento (ser mais, impor-se no mundo, posicionar-se criticamente) 	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua percepção, por que os alunos buscam participar de uma minicooperativa? • No andamento do projeto, verifica-se que alguns alunos acabam desistindo. A que você atribui isso? 	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua percepção, por que o aluno busca participar de uma minicooperativa? • No andamento do projeto, verifica-se que alguns alunos acabam desistindo. A que se atribui isso?
		<ul style="list-style-type: none"> • Na sua visão, quais as habilidades que são estimuladas nos alunos que participam de um projeto de minicooperativa? • Na sua opinião, quais as vantagens para os alunos que participam de uma minicooperativa? • Que vantagens você percebe que os alunos que participaram de uma minicooperativa têm em relação a alunos que não participaram? 	<ul style="list-style-type: none"> • Que habilidades são estimuladas nos alunos que participam de um projeto de minicooperativa? • Ele reconhece as habilidades que se busca estimular? • Que vantagens o aluno percebe ao participar da minicooperativa?
O processo de ensinar e aprender e a prática docente em projetos	<ul style="list-style-type: none"> • Construção do conhecimento • Ambiente favorável • Conteúdo significativo • Processo de ensino e de aprendizagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua avaliação, que aprendizados foram ou estão sendo importantes para você, especificamente, na sua participação na minicooperativa? • O que você aprendeu ou está aprendendo na minicooperativa está sendo útil em outras disciplinas do seu curso? De que forma? Explique. • Você recomendaria a minicooperativa como uma ferramenta de aprendizado e desenvolvimento de habilidades para os seus colegas? Por quê? 	<ul style="list-style-type: none"> • Você percebe que um aluno que participa de uma minicooperativa tem vantagens, em termos de aquisição de competências, em relação a alunos que não o fazem? Explique. • Você notou mudanças nos alunos que participaram do projeto minicooperativa dentro das outras disciplinas em relação aos alunos que não participaram? • Na sua prática de ensino na minicooperativa você teve de fazer adaptações na sua maneira de construir o conhecimento com os alunos? Explique.

Quadro 1: Categorias de análise e perguntas por tipo de respondente

Fonte: Elaborado pelo autor

No próximo capítulo segue a análise do caso estudado, iniciando com uma descrição da dinâmica de organização e funcionamento da minicooperativa, seguido da análise de conteúdo resultante das entrevistas.

5 I ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir apresenta-se como se deu o processo de desenvolvimento da minicooperativa e, posteriormente, faz-se uma análise da proposta com base nas percepções dos participantes.

5.1 Processo de constituição e realização da minicooperativa

No início do segundo semestre de 2018, no dia 31 de julho, iniciamos o projeto da minicooperativa. Os alunos estavam ansiosos e motivados, pois já sabiam, desde o final do semestre anterior, a proposta do projeto de ensino. Nesse dia apresentei o plano de ensino da disciplina e o projeto de ensino que abrigou a minicooperativa. Ficou acordado que os horários da aula da disciplina (dois períodos de 50 minutos durante um dia na semana) seriam destinados para as atividades mais administrativas da minicooperativa e que seriam necessários a disponibilização de quatro sábados para a produção do produto. Iniciamos, então, a discussão do que seria necessário para iniciar a minicooperativa: estatuto, definição das diretorias e dos setores/atividades necessários ao seu funcionamento.

Por definição minha, foi estabelecido aos alunos que a minicooperativa iria produzir produtos, que estes produtos não poderiam ser alimentícios ou ilícitos e que, se quisessem, a produção poderia ser em até 30% terceirizada. Para a disciplina, as entregas necessárias à avaliação seriam o plano de negócio e os relatórios das diretorias de cada área. Os alunos teriam total autonomia a partir dessas premissas.

A partir da segunda aula, as atividades já foram assumidas totalmente pelos alunos. O estatuto foi elaborado e, com isso, foi definido o nome na minicooperativa: Cooperativa de Tipificados Rentáveis do Instituto Federal Farroupilha (Cootriff). Os alunos definiram que o produto a ser produzido e comercializado pela Cootriff seria a cuia de chimarrão. Ela foi escolhida, entre outros, pela sua característica regional e pela viabilidade local.

A primeira assembleia foi realizada com aprovação do estatuto e escolha das pessoas que integraram a diretoria (por meio de candidatura e eleição). Os alunos definiram as datas dos quatro sábados destinados à produção das cuias, a jornada de trabalho de 8 horas para os sábados e o horário de funcionamento. Tomaram a decisão de terceirizar um lote de produção de cuias para poder atender a Semana Acadêmica do Curso de Administração, que seria de 27/08 a 31/08/2018, e com isso divulgar a Cootriff para a comunidade acadêmica e para a cidade.

A curva de aprendizagem para a produção das cuias consumiu 25% do tempo dedicado pelos alunos para esse fim. Houve a necessidade de desenvolver o processo

e treinar as pessoas. Percebeu-se que mesmo existindo uma hierarquia organizacional, todos trabalhavam para o bem comum, sendo evidente o sentimento de pertencimento.

Ao longo dos trabalhos foram surgindo desafios para os quais os cooperados também buscavam soluções. As relações interpessoais estavam ficando difíceis e a diretoria de Recursos Humanos, em um exemplo típico de autonomia, se incumbiu de buscar uma solução para melhorar o clima dentro da minicooperativa. Fez reuniões, ouviu os associados, atuou apaziguando os ânimos e trouxe, inclusive, um palestrante externo para trabalhar o tema das relações interpessoais.

Os setores de Vendas, de Recursos Humanos e Administrativo-Financeiro mantinham os cooperados a par das ações para o fortalecimento da Cootriff, sempre com a participação do seu presidente. Com o decorrer do tempo, as vendas cresceram em um volume acima do que a produção poderia atender. Os alunos decidiram, então, em assembleia, trabalhar em alguns sábados e feriados a mais para que pudessem atender ao aumento da demanda.

Houve um momento em que os alunos também tiveram que lidar com situação de prejuízo. Um cliente que havia comprado 40 cuias como brinde para presentear os seus próprios clientes, devolveu o lote duas vezes, a primeira por baixa qualidade da cuia e a segunda vez por baixa qualidade na gravação a laser do logotipo da sua empresa. O cliente cogitou não receber o dinheiro de volta, porém os associados entenderam que como organização eles falharam e não cabia ao cliente arcar com o prejuízo, pois isso não refletia a imagem da Cootriff. Foi um momento difícil para os alunos, mas que demonstrou muita maturidade do grupo.

No fechamento da Cootriff, devido à devolução das 40 cuias, o balanço contábil apontou para um prejuízo de R\$ 603,79. Mesmo com esse resultado, os associados ficaram satisfeitos com o desempenho, pois perceberam que se a Cootriff continuasse a existir, a atividade seria rentável, já que eles aprenderam com os erros e passaram a dominar o processo. Mesmo com esse resultado, eles pagaram os salários (os cooperados eram também funcionários da Cootriff), a quitaram as obrigações fiscais tanto previdenciárias como não previdenciárias. Como a minicooperativa tinha o foco no ensino, os valores que foram arrecadados de tributos foram destinados para doação às crianças carentes da Cidade de Frederico Westphalen- RS, ação esta definida em assembleia e registrada no estatuto da Cootriff. Após a quitação de todas as obrigações, houve a distribuição proporcional da cota de capital de cada cooperado. Na fundação da minicooperativa esse valor era de R\$ 20,00, e, devido ao prejuízo apurado, essa cota resultou em um valor de R\$ 3,68 para cada cooperado.

Nas próximas seções serão apresentadas as percepções de alunos e professores segundo as temáticas e categorias analisadas, conforme indicadas no Quadro 1.

5.2 Percepções sobre minicooperativa como recurso pedagógico para processos formativos emancipatórios

Dos quatro pilares da educação (DELORS et al.,1998), aquele que é facilmente reconhecido e que esteve com mais frequência nas falas dos professores e alunos, foi o **aprender a fazer**. Segundo os professores, os alunos, ao colocarem em prática seus planos, dão significado a sua aprendizagem, facilitando o ensino e principalmente a interação de ensino e aprendizagem. Os professores também veem a valorização da transdisciplinaridade pelo estudante, pois, ao buscar o professor para resgatar o conhecimento ou construir um novo, ele conecta a construção do conhecimento com outras áreas, e, não raro, soluciona seu problema com a união de diversas disciplinas. Com esse processo, o conhecimento se socializa e se valoriza em toda a turma.

Para os alunos, “colocar a teoria em prática” é a síntese das suas expressões sobre a minicooperativa. Por trás desta fala podemos ouvir deles muitas outras coisas. Eles fizeram relações com muitas pessoas de suas comunidades, atenderam pessoas que se tornaram clientes e foram recomendados por muitos outros. Foi recorrente a ideia do desenvolvimento da habilidade de colocar em prática os conhecimentos construídos em sala de aula, buscar soluções para os desafios que se apresentavam, o que deu significado ao que eles aprendiam na teoria. Os alunos reconhecem que aprenderam a fazer a gestão de pessoas, o marketing, a produzir e gerir uma organização. Ao mesmo tempo em que eram sócios, eram operários e gestores. Aprender a fazer, estando em situações e posições distintas, aumentou o significado desta experiência.

Os alunos passaram também pela experiência do **aprender a conhecer**, que está vinculado à habilidade de desenvolver compreensão do mundo e desenvolver suas capacidades profissionais (DELORS et al., 1998). Isso ocorreu constantemente dentro da minicooperativa. Os alunos estavam interessados pelo que estava sendo feito, tinham interesse de desenvolver habilidades, conhecendo novos temas e indo em busca do que lhes era necessário conhecer. Eles demonstravam o interesse de conhecer todos os movimentos da organização e nos encontros onde os dados eram analisados, todos queriam conhecer as possibilidades de solução para o negócio. Nesse sentido, os professores relatam que a busca por conhecer aumentou muito durante o período da minicooperativa.

No **aprender a viver junto** Delors et al (1998) evidenciam a experiência de se viver junto as competições, as diferenças e os conflitos em um ambiente maior, como é o da minicooperativa. Os professores e os alunos experimentaram a abertura, a manutenção e o encerramento de uma minicooperativa. O fato de o professor exercer a função de orientação apenas deu aos alunos maior liberdade para serem protagonistas. No decorrer do processo, os alunos tiveram que desenvolver estratégias de trabalho em equipe, buscando focar na melhoria e manutenção das relações humanas. Como nesse tipo de organização as pessoas são sócias e desempenham funções remuneradas na organização, as relações

de comando e os papéis desempenhados tiveram de ser claros e profissionais. Os alunos destacaram o quanto isso foi difícil, dinâmico e desafiador. Em comum ressaltaram a oportunidade de estarem vivendo essa experiência e aprendendo a respeitar as opiniões e personalidades de cada um. O exercício da liderança também foi trazido, tanto no aspecto da organização no seu organograma, quanto informalmente, no dia a dia dos trabalhos da minicooperativa. No decorrer dos trabalhos, nas interações dos alunos, os professores perceberam o crescimento pessoal de cada aluno perante o desafio de trabalhar em equipe, aprendendo a comandar e ser comandado, conforme as demandas da minicooperativa.

No saber conviver, destaca-se a proposta do trabalho em grupo – todos juntos trabalhando para um mesmo fim. Na minicooperativa, cada um tem sua função e atribuições. Isso implica que pessoas diferentes fazem tarefas diferentes e há a necessidade de enxergar e entender o outro e aprender a estimularem-se mutuamente para que os objetivos sejam alcançados. Os professores veem que a experiência com a minicooperativa possibilita alunos mais preparados para trabalhar e relacionar-se em grupo, que valorizam a dedicação ao trabalho, que reconhecem e aproveitam habilidades previamente existentes, e sabem dialogar com diferentes segmentos.

Saber trabalhar em grupo é uma competência essencial no mundo do trabalho (DELORS et al., 1998; LIBANIO, 2002). Ela foi apontada por seis professores de um total de sete como uma das habilidades que foram desenvolvidas na minicooperativa. Junto com o trabalho cooperado, foram apontadas algumas outras competências vinculadas a isso: empatia, respeito, saber consensar, saber ouvir e socializar os conhecimentos. Os alunos apontaram ainda o saber conviver e buscar a união, ter solidariedade e tolerância com os colegas do grupo.

O **aprender a ser** vem da promoção do desenvolvimento integral do aluno (DELORS et al., 1998). Dentro desse contexto os alunos relatam o crescimento pessoal que tiveram, puderam exercitar o ser entre colegas, professores, fornecedores, clientes, e as pessoas em geral. Tiveram a percepção da sua importância no mundo, aprenderam a ser solidários, fizeram doações com parte do dinheiro gerado pela minicooperativa, acompanharam as flutuações da economia e o que isso poderia significar no empenho da organização. Segundo eles ainda, aprenderam a desenvolver responsabilidade e paciência, consigo e com os outros, aprenderam a ser criativos, líderes, cooperados, dedicados e comprometidos. Para os professores ficou evidente o querer ser melhor a cada dia, o envolver-se com o todo, o ser responsável por buscar soluções para a organização. Isso foi crescendo em cada participante à medida que a minicooperativa se constituía e trazia resultados com as ações dos alunos. Com as dificuldades que os alunos encontraram para desenvolver o trabalho e as emoções vinculadas a isso, os professores perceberam que os alunos viram significado em aprender a ser.

Os professores elencaram muitas vantagens na participação em uma minicooperativa que favorecem uma postura diferenciada dos alunos: amadurecimento, autoconhecimento,

responsabilidade, proatividade, raciocínio lógico, determinação, autoconfiança (segurança), dinamismo, liderança, empatia, capacidade de planejamento, de organização e de comunicação.

5.3 Percepções sobre o processo formativo de construção da emancipação dos sujeitos

Como Freire (1980) afirma, a educação necessita permitir ao educando constituir-se como sujeito. O processo de emancipação passa pela busca da plenitude, pela autonomia e pela capacidade de empoderar-se, ser mais no mundo, pela formação de um ser omnilateral.

Os alunos relatam com entusiasmo o quanto conseguiram realizar e aprender na minicooperativa. Mencionam que até as experiências mais difíceis se tornaram positivas. Ao aprenderem a resolver situações sozinhos ou em equipe, percebe-se no relato deles a atuação plena, o fato de terem alcançado a plenitude nos seus trabalhos, de se sentirem realizados mesmo percebendo que poderiam fazer diferente ou melhor. Os professores puderam observar a independência dos alunos para resolver os problemas bem como a iniciativa para buscar soluções com os colegas e com os próprios professores.

Já quanto à **autonomia**, os professores referem-se a como os alunos exercitaram a autonomia no momento em que tiveram que instituir, operar e fechar a minicooperativa, apoiados nos conhecimentos que construíram. Os alunos mencionaram a autonomia no sentido de colocarem a teoria em prática, ou quando se referiram aos “tombos” que tiveram e à capacidade de se levantarem e irem adiante. O desafio e a curiosidade, expresso indiretamente nos relatos, se somam a este movimento de autonomia, alimentado pela motivação de uma turma engajada e do apoio dos professores.

A minicooperativa criou as condições para isso, levando o aluno a empoderar-se. O desenvolvimento da competência atitudinal de responsabilidade e comprometimento foram consenso entre professores e alunos. Os professores indicaram, ainda, o desenvolvimento da liderança, também sinalizado por alunos, a postura ética, o dinamismo, a visão sistêmica e processual e o desenvolvimento das habilidades técnicas como aspectos que foram favorecidos pela minicooperativa.

Como abordado por Saviani (1989), o conceito de politecnia implica na união de trabalho e escola, levando o conhecimento intelectual a ser construído juntamente com o trabalho produtivo, tendo em vista a construção de uma educação tecnológica. Este conceito remete ao conceito de um **indivíduo omnilateral**, capaz de “destrinchar e tecer” as novas tecnologias, à medida que o trabalho evolui, preparando para o mundo do trabalho. Os alunos, quando perguntados como se sentiam por poder fazer acontecer uma minicooperativa, as respostas foram cheias de entusiasmo, com “brilho nos olhos”. Os alunos ressaltaram tudo que conseguiram fazer com seus conhecimentos e pesquisas sobre cooperativas, mas, o que foi recorrente nas rodas de conversas, foi a possibilidade

de interagir com os colegas em um ambiente de trabalho. Nisso apareceram as relações de afeto, sendo muito ressaltada a empatia de um pela dificuldade do outro e o quanto podiam “render mais” quando compartilhavam seus problemas e dificuldades.

Por outro lado, ao acompanhar o grupo, pude também observar as dificuldades. Havia em alguns momentos falta da empatia o que levou o setor de Recursos Humanos da minicooperativa, ou seja, os próprios alunos, a agir no sentido de trazer um palestrante de fora da instituição para trabalhar o conceito de relações interpessoais, e melhorar a relação entre as pessoas. Esta ação trouxe uma efetiva melhora no convívio do grupo.

Conversamos com a turma sobre o conceito de **educação emancipatória**, com o qual o trabalho de construção da minicooperativa foi conduzido. O que surgiu foi a satisfação de realizar algo do “zero”, em que tiveram de resgatar conhecimentos construídos, a necessidade de identificar entre os colegas os mais afinados com cada área do negócio, as divergências que tiveram de ser superadas para avançar com os trabalhos, a busca de conhecimentos junto aos docentes, e tudo em um tempo que não foi rígido, mas que, pelo fato de fazer algo por si mesmo, passou muito rápido, potencializado pela satisfação gerada.

Também surgiu na turma o relato das frustrações superadas, vendas perdidas, clientes insatisfeitos, e iniciativas construídas para superar os problemas internos, e satisfazer as expectativas daqueles que apostaram no produto da minicooperativa. Sem uma formação omnilateral, as dificuldades seriam maiores e talvez intransponíveis.

A juventude tem o “frescor do sentimento puro”, doa-se pela causa, é capaz de mudar o mundo com as suas atitudes, e a nós educadores e educadoras cabe dar o suporte necessário à construção desta nova via.

5.4 Percepções sobre o processo de ensinar e aprender e a prática docente em projetos

Dar um novo sentido para construção do conhecimento diz respeito a aproximar o aluno do aprendizado contínuo que advém da realidade do dia-a-dia (CANDAU, 2001). Os alunos reconhecem a importância da minicooperativa para a **construção do conhecimento**, tendo-os como protagonistas. Eles afirmam que recomendariam para outros colegas a participação na minicooperativa, pois o aprendizado valeu a pena, porque a metodologia é bastante dinâmica, porque sentem que há uma experiência que os ajudará no futuro profissional, porque passa por um processo de autoconhecimento e porque surpreendem-se com suas próprias capacidades e habilidades.

Entretanto, algumas ideias relacionadas às mudanças percebidas surgem aqui de uma forma diferenciada pela percepção dos professores: o uso da experiência com a minicooperativa, como exemplo em outras disciplinas; a mudança na visão de mundo; maior articulação do conhecimento entre as disciplinas; cumprimento dos prazos e da entrega dos trabalhos; o entendimento de que cada um colabora para o todo, para o resultado

esperado. Os alunos, mencionam a elaboração de planilhas e relatórios, a inclusão de uma visão de sustentabilidade e maior disposição para se esforçar, para construir, para se comunicar.

O professor igualmente necessita mudar e adaptar-se aos desafios e questões que vão surgindo ao longo do desenvolvimento de uma metodologia como a de projetos. Um professor, no entanto, entende que o domínio da metodologia faz com que a mudança esteja no domínio da iniciativa e criatividade dos alunos.

O fato de a escola incentivar a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, a aproximação à realidade da comunidade, o fomento ao ensino por projetos, a maior vivência entre professor e aluno, gera também aprendizagem para o professor. Contribui para um **ambiente favorável** a presença do professor, que cria condições para que o aluno possa aprender, integrando as técnicas, os seres humanos, e as políticas, no cotidiano escolar (CANDAUI, 2001).

As vantagens de uma minicooperativa são mais percebidas e evidentes para os professores, pois acompanham os alunos não só nas atividades da minicooperativa, mas também em outras disciplinas. Os alunos, por sua vez, vêm as vantagens sob a ótica mais pragmática: possibilita a vivência com as lógicas do trabalho em uma organização e percebem, ao conviverem com os colegas, a importância dos aprendizados decorrentes do trabalho em equipe. Eles passam a ver o convívio de outra forma, sendo mais tolerantes e valorizando o trabalho cooperado. Isto promove a maturidade e a responsabilidade, eles percebem **significado neste conteúdo**.

Nesse sentido, na percepção dos professores, os alunos, em uma minicooperativa, desenvolvem o conhecimento a partir de uma situação problematizadora. Isso proporciona a aquisição de um conhecimento diferenciado, em que eles desvendam os conceitos e passam a entender o que inicialmente parecia complicado ou misterioso. Eles veem o conhecimento se transformar em algo palpável – o produto que o grupo cria, produz e vende. Isso os faz despertar para a necessidade de buscarem, por eles mesmos, novos conhecimentos, deixando de esperar algo pronto. Passam a participar mais das discussões relacionadas aos temas e ampliam sua compreensão da relação entre teoria e prática, adquirindo um conhecimento técnico mais expressivo, pois aprenderam a partir das dificuldades decorrentes da experiência. Isso acaba refletindo na forma como eles se posicionam, com relação à aquisição de conhecimento, nas demais disciplinas.

Isso é, em outras palavras, o que Delors et al (1998) afirmam quando dizem que aprender a conhecer se referem ao aumento de saberes que despertam a curiosidade intelectual, possibilitam postura crítica, aquisição de autonomia de pensamento e capacidade de discernimento. Libanio (2002), destaca o aprender a pensar, o que é muito evidente na experiência com a minicooperativa. O autor também destaca que entre conhecer e fazer deve estabelecer-se uma relação dinâmica e criativa. Dinamismo e criatividade são competências identificadas como estimuladas em uma minicooperativa pelos entrevistados.

No processo de **ensino e de aprendizagem**, buscou-se a reflexão a partir da percepção do que há de diferente no processo de ensino tradicional e o processo de ensino por projetos, especificamente de minicooperativa. A diferença mais clara, evidenciada tanto por professores quanto por alunos, foi a existência da prática. Esse aprender fazendo, para os professores, favorece um melhor aproveitamento do conhecimento: aprendizagem mais significativa, maior interesse, maior conhecimento do mundo do trabalho, possibilidade de ver um produto real sendo gerado e gerido, interdisciplinaridade e socialização dos saberes. O professor tem presente a importância do saber conhecer, que exige que o aluno também possa desenvolver a capacidade de compreender o mundo e desenvolver suas capacidades profissionais (DELORS et al., 1998). O aluno, por sua vez, destaca outros aspectos, como a possibilidade de errar e aprender com isso, a aprendizagem real sobre uma cooperativa, e a geração de conhecimento, como um diferencial. É, na expressão mais simples definida por um aluno, o *“pôr em prática e a mão na massa, muitas disciplinas não dão a oportunidade.”*

O dinamismo, a autonomia e o desafio proporcionados pelo método de minicooperativa foram destacados pelos professores como diferenças em relação ao ensino convencional. Os alunos citaram, também, o maior envolvimento e ficarem mais ativos. Essas características influenciam o desenvolvimento das competências pessoais dos alunos, aos conhecimentos atitudinais.

6 | CONCLUSÃO

O uso da minicooperativa como ferramenta pedagógica mostra-se uma proposta vantajosa para o processo emancipatório com o desenvolvimento dos quatro pilares da educação. Essa experiência positiva não ocorreu somente para os alunos e na relação que tiveram com os professores, mas repercutiu na escola e na comunidade local, chamando o interesse de outros alunos e evidenciando para a comunidade a qualidade na formação dos alunos.

Na minicooperativa, o aprender a fazer e o aprender a conhecer estão fortemente ligados. A busca por fazer algo novo é fomentada pela necessidade de conhecer melhor os conceitos advindos da teoria. Ao exercitarem esses conceitos a partir da prática, a cada dificuldade superada, surge a realização de ter desenvolvido uma nova solução ou até mesmo novas habilidades.

A autonomia que foi dada para os alunos construírem e decidirem os rumos a serem dados, assumindo a responsabilidade pela organização, gera uma aprendizagem mais significativa, estimulando o pensamento crítico, e levando-os a aprender com os erros que acontecem ao longo do projeto. A interdisciplinaridade deixa de ser uma opção, e passa a integrar os passos que os alunos dão, facilitando a administração dos processos e das operações. O processo de ensino e de aprendizagem é beneficiado por

esta interdisciplinaridade, oportunizando que o aprendizado seja disseminado por outras disciplinas, tornando esse processo orgânico.

A convivência entre os alunos, o respeito às ideias e opiniões de todos, o decidir em grupo para a melhor solução, o exercício da liderança nas situações que se apresentam e a capacidade de solucionar as demandas que surgem coletivamente reflete o aprender a conviver. Isso foi muito valorizado pelos alunos e mesmo que estejamos falando na coletividade, o grande ganho que se evidencia é o amadurecimento individual nas relações com o grupo.

No amadurecimento do indivíduo e nas relações com o grupo, o saber ser é construído e a relação entre alunos e professores se torna mais fluida pela significação que é dada pelo conhecimento construído na vivência da minicooperativa. Esta coletividade construída também dá condições para que o aluno trilhe o seu caminho, respeitando suas características individuais, possibilitando que desenvolva habilidades diferentes dentro do mesmo grupo.

A autonomia é o foco central da emancipação do aluno, porém, para que isso se estabeleça, várias realidades têm de ser construídas. Na união da prática com a teoria, o aluno é convidado na minicooperativa a colocar a sua individualidade em movimento, dando sua opinião, sua visão sobre o problema e a solução, isso quando não passa a liderar um grupo cujos objetivos são comuns. Nesse processo, onde o protagonismo do aluno é reconhecido, surge um sentimento de plenitude. Quando os alunos buscam o conhecimento e há a transformação da realidade atual, o aluno se empodera e percebe que é possível a sua autonomia.

A minicooperativa contribui para o desenvolvimento de uma escola contemporânea, dando protagonismo aos indivíduos no processo de construção do conhecimento. Desse modo se promove a politecnicidade, em que se entra no mundo da educação tecnológica, onde a omnilateralidade do aluno o leva a construir outras tecnologias.

Cada aluno desenvolveu dentro da minicooperativa, através das suas características e experiências passadas, habilidades diferentes e similares em relação aos seus colegas de projeto. Elementos como vivência a partir da prática, autonomia, empoderamento, omnilateralidade, interação com o ambiente externo, desenvolvimento de habilidades de bases profissionais e pessoais, desenvolvimento da criatividade, da autoconfiança, do trabalho em equipe, assunção de responsabilidades e tomada de iniciativa, se mostraram fundamentais na construção dos processos formativos autônomos e fundantes da emancipação do aluno.

Esta dissertação buscou identificar vantagens do uso da minicooperativa como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da emancipação dos sujeitos. Trata-se de um recorte de pesquisa sobre uma prática ainda em construção e sobre a qual muitas questões ainda poderão ser pesquisadas. Sugere-se investigar, por exemplo, as barreiras para implantação desta ferramenta no currículo ou dar uma atenção a como as relações

interpessoais e o comportamento organizacional se constituem dentro desse espaço. A realização, ao longo do tempo, por mais turmas ou em outros contextos, também poderá trazer contribuições novas e significativas para a consolidação dessa proposta pedagógica. Embora aqui se tenha restringido a ferramenta ao curso de Administração – tanto a graduação quanto ao ensino médio técnico integrado – a proposta de uma minicooperativa poderia também se estender para outros cursos, dependendo das finalidades que a minicooperativa poderia estabelecer.

Como toda pesquisa, esta também apresentou limitações. A análise sobre uma única edição da minicooperativa não permite um olhar mais compreensivo e consolidado da realidade como forma de generalizar as conclusões. Nas entrevistas realizadas, sempre há a possibilidade de criar-se outros percursos para a investigação a partir das perguntas realizadas e das respostas dadas, no entanto, essa é uma limitação inerente à pesquisa qualitativa, que, no entanto, permite, justamente, riqueza de interpretações e luz para questões sociais.

No apêndice A apresenta-se o produto educacional construído a partir desta pesquisa. Esse produto apresenta a minicooperativa como uma ferramenta educacional nos processos de formação profissional emancipadora tanto para o ensino médio integrado profissional e tecnológico quanto para a graduação em Administração.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Sonia R. A. S. et al. Empreendedorismo e voluntariado: o programa miniprensa da *Junior Achievement* do Ceará. **Brazilian Journal of Development**, [s. l.] vol. 4, n. 1, p. 102, 2018. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsdoj&AN=edsdoj.68f6f4c713ea4043b73590d9a2dbd4a7&lang=pt-br&site=eds-live>. Acesso em: 19 jul. 2019.
- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da escola**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.
- AMARAL, Ana Lúcia, O trabalho de grupo: como trabalhar com os “diferentes” In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de Ensino: novos tempos, novas configurações** - 3ª edição. Papirus, 2006. P. 49-68 (livro eletrônico).
- BELEZIA, Eva Chow. **Cooperativa-escola: metodologia para a construção de uma cultura escolar cooperativa?** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, 2006.
- BERVANGER, Elisiane; VISENTINI, Monize S. Publicações científicas brasileiras sobre empresas juniores na área de administração: um estudo bibliométrico. **REGE - Revista de Gestão**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 197–210, 2016. Disponível em: <<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edselp&AN=S1809227616300418&lang=pt-br&site=eds-live>>. Acesso em: 19 jul. 2019.
- BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida**: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina. 2ª ed. Curitiba: Inter Saberes, 2012.

CAMPOS, Elziane B. D. et al. Empresas juniores como espaços de apoio à formação profissional de estudantes universitários brasileiros. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, [s. l.], n. 4, p. 452, 2014. Disponível em: <<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edssci&AN=edssci.S1984.66572014000400011&lang=pt-br&site=eds-live>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CANAU, Vera Maria (Org.). **Rumo a uma nova didática**. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CASTIGLIONI, José A. de M.; TANCREDI, Claudio T. **Organização empresarial**: conceitos, modelos, planejamento, técnicas de gestão e normas de qualidade. São Paulo: Érica, 2014. E-Book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536511047/cfi/0!4/2@100:0.00>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CHAVES, R. R.; PARENTE, C. O empreendedorismo na escola e o paradigma das competências: O caso da *Junior Achievement* - Portugal. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 67, p. 65–84, 2011.

CHIARIELLO, Caio L. **Politécnica e polivalência na organização do trabalho em cooperativas populares e tradicionais**. 2012. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de São Carlos, 2012.

DELORS, J. et al. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: UNESCO no Brasil, 1998. Disponível em: http://www.informacaoepesquisa.fci.unb.br/images/materiais/oti/JDelors_RelUNESCO.pdf. Acesso em: 5 mai. 2018.

EACEA - EDUCATION, AUDIOVISUAL AND CULTURE EXECUTIVE AGENCY. **Entrepreneurship Education at School in Europe**. National Strategies, Curricula and Learning Outcomes. March 2012. Disponível em: http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documents/thematic_reports/135EN.pdf. Acesso em: 20 fev. 2018.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017 (Livro eletrônico).

HOUSSAYE, Jean; SOËTARD, Michel; HAMELINE, Daniel; FABRE, Michel. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KIRA, Luci F.; MEDEIROS, Marcelo L. de; SANTOS, Jeanderson S. dos. Paulo Freire e a autonomia como emancipação do homem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2013. p. 20.649-20.656.

LIBANIO, João Batista. **A arte de formar-se**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LIMA, Lúcia M. S. de. **A avaliação do programa minicooperativa da Junior Achievement**: limitações e perspectivas. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Mestrado Acadêmico em Educação, Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, 2008.

LIMA, Paulo G. Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo. **Pro-Posições**. v. 25, n. 3, p. 63-81, 2014.

LINS, Hoyêdo N. Cooperativas de trabalhadores: opção frente à crise do emprego ou aspecto da crescente precariedade do trabalho? **Nova Economia**. Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 39-76, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-23069/cfi/74!4/2@100>. Acesso em: 19 jul. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de S (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9-30.

NUNES, Cleiton S.; MASCARENHAS, Maraisa S. Educação para emancipação no pensamento de Pierre Boudieu e Paulo Freire. In: Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED, 4., 2012, Paranaíba. **Anais...** Campina Grande: Realize, 2012. p. 1 – 17.

OLIVEIRA, Amanda C. de S. de; SILVA, Liliam A. P. da; SILVA, Ademir. A importância das cooperativas e seu papel na sociedade. **Revista Organizações e Sociedade**. Iturama, v.3, jan./dez. 2014

RAMOS, Marise N. Ensino médio integrado: lutas históricas e resistências em tempos de regressão. In: ARAÚJO, Adilson C.; SILVA, Cláudio N. N. da (Org.). **Ensino médio integrado no Brasil**: fundamentos, práticas e desafios. Brasília: IFB, 2017. p. 20-43.

SANTOS, Jorge A. dos; MARTINS, Simone. Aprendendo administração em laboratório: desafios e frustrações de uma experiência. **Revista Gestão Universitária na América Latina**, [s. l.], n. 3, p. 287-308, 2012. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsdoj&AN=edsdoj.410af12fac3f45009b10ebc0b846c173&lang=pt-br&site=eds-live>. Acesso em: 19 jul. 2019.

SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, Maria del Pilar B. **Metodologia de Pesquisa**. 5. Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989.

SESCOOP/RS - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul. **O que é cooperativismo?** Porto Alegre: SESCOOP/RS, [2019?]. Disponível em: <http://www.sescooprs.coop.br/cooperativismo/o-que-e-cooperativismo/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

SILVA, Michele C. **Cooperativismo no Brasil**: um estudo comparativo de três perspectivas com ênfase na região de Florianópolis. 2009. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração), Universidade do Vale do Itajaí. Biguaçu, 2009.

SISTEMA OCB. **Anuário do cooperativismo brasileiro 2019**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://somoscooperativismo.coop.br/assets/arquivos/Publicacoes/Anuario-2018.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

MINICOOPERATIVA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO PARA O MUNDO DO TRABALHO

Este produto tem por finalidade apresentar um dos resultados da dissertação de mestrado “Minicooperativa: Desafios e Possibilidades na Formação para o Mundo do Trabalho” qual seja: o de implementar uma Minicooperativa com estudantes por intermédio da experiência aqui apresentada.

O produto educacional foi aplicado no campus Frederico Westphalen, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – IFFAR, e sendo colocado em prática pelo mestrando Evandro Carlos do Nascimento, sob a orientação da Professora Doutora Luciana Neves Loponte e Coorientado pela Professora Doutora Maria Raquel Caetano.

A minicooperativa é uma oportunidade para que os alunos de Administração, tanto do ensino médio integrado quanto da graduação, possam construir o conhecimento prático da sua área de formação, através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, dentro de um processo de resgate de conhecimentos construídos durante o curso, oportunizando uma formação emancipatória.

A proposta implica dois momentos (módulos): o de planejamento da minicooperativa e o de sua realização. Durante as atividades, o aluno deve ter sempre a perspectiva da prática profissional e da busca autônoma do conhecimento, tendo em vista o processo emancipatório. No primeiro módulo, propõe-se a realização das atividades em grupos de quatro alunos. Cada grupo vai desenvolver as atividades propostas ao longo do semestre para, ao final, por decisão dos próprios alunos, definir qual o produto mais viável para a constituição da minicooperativa. No segundo módulo os alunos vão abrir/ instituir a minicooperativa, colocá-la em funcionamento, produzir e vender os produtos, e encerrá-la ao final do período.

A integra deste produto educacional, para a realização da minicooperativa, podem ser acessados no link <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/560087>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agroecologia 184, 187, 188, 190, 192, 193, 194, 412

Alternâncias Educativas 184, 187, 188, 190, 193

Antropologia 176, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 260, 261

Aprendizagem 9, 11, 13, 2, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 33, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 52, 53, 54, 55, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 95, 96, 99, 100, 105, 106, 112, 113, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 145, 151, 152, 154, 156, 158, 160, 162, 164, 166, 188, 189, 191, 196, 198, 199, 200, 202, 207, 210, 211, 213, 217, 218, 220, 222, 238, 239, 250, 262, 263, 264, 266, 268, 271, 276, 280, 281, 282, 290, 291, 292, 294, 309, 310, 324, 325, 326, 328, 329, 331, 333, 336, 339, 340, 341, 347, 382, 399, 410, 413

Arte 14, 16, 20, 22, 23, 24, 29, 30, 31, 32, 76, 96, 111, 173, 176, 182, 221, 222, 294, 295, 298, 300, 301, 302, 353

C

Campo didático 9, 10, 11, 12

Capoeira 9, 12, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80

Cinema 9, 11, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Comunidade 5, 6, 22, 24, 25, 28, 29, 30, 53, 54, 82, 83, 85, 89, 101, 102, 103, 106, 110, 116, 143, 157, 158, 159, 161, 163, 188, 189, 191, 192, 196, 198, 200, 211, 217, 218, 232, 259, 260, 263, 281, 290, 304, 309, 310, 319, 320, 322, 397, 398, 407, 409, 410, 412

Conceitos 14, 5, 18, 20, 48, 49, 53, 76, 82, 91, 104, 119, 123, 124, 125, 129, 131, 161, 168, 176, 200, 217, 218, 221, 224, 231, 233, 238, 239, 240, 252, 257, 267, 271, 278, 294, 297, 298, 315, 316, 328, 329, 331, 342, 348, 349, 384, 398, 412

Contexto da prática 11, 1, 5, 9, 10, 11, 12

Corrida de Orientação 81, 87, 89

Criatividade 54, 76, 202, 203, 210, 217, 219, 222, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 257, 259, 269, 296, 300, 301

D

Descolonização do Conhecimento 13, 184, 185, 187, 189, 193

Desporto Orientação 81, 90

Dificuldades 18, 85, 89, 93, 110, 112, 123, 128, 139, 141, 143, 144, 145, 162, 176, 214, 216, 217, 224, 229, 230, 231, 237, 239, 240, 257, 273, 318, 322, 383, 402

E

Educação 2, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 22,

23, 31, 34, 37, 38, 39, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 87, 89, 90, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 114, 116, 119, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 147, 149, 153, 154, 155, 158, 159, 161, 163, 164, 165, 166, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 213, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 239, 240, 241, 242, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 295, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 322, 326, 328, 329, 333, 336, 337, 339, 347, 362, 383, 384, 392, 395, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416

Educação Básica 12, 34, 38, 39, 47, 50, 55, 72, 73, 74, 75, 79, 133, 137, 194, 224, 241, 266, 305, 309, 312, 336, 339, 407, 409, 412

Educação Empreendedora 9, 11, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 202

Educação Matemática 119, 131, 241, 274, 276, 277, 282, 283, 287, 290, 339

Emancipação 143, 196, 197, 204, 205, 206, 207, 210, 215, 219, 221, 222, 265, 395, 416

Ensino 9, 11, 12, 13, 14, 15, 2, 3, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 29, 33, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 87, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 105, 106, 116, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 165, 166, 184, 187, 188, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 217, 218, 220, 222, 223, 228, 231, 237, 242, 244, 245, 250, 253, 259, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 272, 274, 276, 279, 280, 281, 291, 292, 296, 301, 307, 309, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 343, 347, 360, 382, 388, 398, 399, 400, 401, 403, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 414, 415, 416

Ensino-aprendizagem 11, 13, 47, 49, 119, 120, 122, 125, 127, 130, 131, 166, 188, 198, 262, 263, 264, 276, 291, 399

Ensino de história 14, 242, 244, 250

Ensino Médio 9, 13, 15, 15, 16, 19, 29, 39, 40, 45, 55, 72, 73, 119, 121, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 195, 196, 197, 199, 205, 220, 222, 223, 276, 279, 310, 338, 340, 341, 343, 414

Ensino Superior 13, 156, 159, 193, 194, 274, 276, 281, 312, 322, 401, 415

Epistemologia 1, 5, 7, 176, 198, 242, 245

Epistemológicas 6, 138, 224, 240, 277

Evolução Conceitual 224

Extensão Universitária 13, 81, 82, 90, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166

F

Filosofia 12, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 115, 155, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 175, 176, 181, 182, 254, 304, 305, 307, 336, 337

Formação Docente 55, 98, 99, 104, 242, 307

Funções 13, 119, 120, 121, 122, 128, 130, 131, 152, 157, 159, 213, 277, 278, 280, 282, 284, 288, 289, 320, 382, 391, 403

Fundamentos 103, 107, 119, 167, 181, 195, 222, 234, 252, 262, 265, 272, 277, 325, 326, 329, 336, 397

H

História 13, 14, 15, 1, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 49, 75, 77, 82, 84, 85, 87, 110, 113, 118, 162, 168, 171, 173, 174, 176, 190, 200, 204, 224, 225, 226, 232, 233, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 249, 250, 251, 255, 259, 264, 267, 268, 269, 271, 273, 295, 296, 298, 304, 307, 310, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 348, 352, 353, 354, 355, 357, 359, 361, 404, 405, 406, 407, 412, 413, 414, 415

História da Matemática 14, 15, 225, 269, 271, 273

História em Quadrinhos 14, 15, 18, 20, 21

HQs 14, 15, 16, 17, 18, 21

I

Impacto Ambiental 33, 34, 39, 45

Interdisciplinaridade 72, 87, 138, 158, 162, 166, 167, 202, 210, 217, 218, 219, 223, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 416

L

Literatura 9, 12, 12, 29, 52, 55, 57, 58, 75, 76, 91, 92, 95, 97, 108, 111, 113, 116, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 181, 182, 198, 199, 200, 207, 209, 224, 240, 289, 290, 338, 340

M

Metodologia 13, 1, 7, 14, 19, 24, 25, 26, 31, 33, 39, 51, 53, 72, 73, 83, 92, 93, 111, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 130, 131, 149, 152, 159, 164, 184, 187, 191, 198, 207, 216, 217, 220, 222, 223, 265, 266, 270, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 296, 297, 300, 322, 339, 383

Métodos 14, 18, 24, 26, 47, 49, 52, 53, 54, 55, 61, 92, 96, 100, 115, 119, 123, 152, 204, 257, 262, 263, 298, 346, 347, 396

Minicooperativa 13, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223

Miniempresa 196, 197, 201, 220

P

Paz 9, 12, 74, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 115, 116, 117, 165, 221, 261, 313, 337, 375, 413

Poesia 91, 92, 93, 95, 96, 97, 169, 179, 182, 189, 190

Política educacional 1, 2, 3, 4, 7, 8, 308, 411

Política pública educacional 132, 133, 136, 149, 150, 151

Políticas de currículo 9

Práticas 9, 12, 4, 6, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 19, 20, 24, 26, 47, 49, 51, 52, 53, 55, 92, 96, 98, 99, 100, 101, 105, 106, 110, 115, 116, 117, 122, 123, 124, 130, 134, 137, 143, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 187, 190, 197, 203, 207, 208, 209, 221, 222, 245, 247, 258, 263, 265, 267, 291, 296, 301, 303, 306, 308, 316, 319, 327, 330, 339, 380, 383, 386, 395, 398, 400, 402, 404, 406

Prevenção 72, 73, 79, 102, 108, 114, 159, 163

Probabilidade 9, 13, 23, 141, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 274, 276, 279, 283, 286, 289, 316, 340, 346, 351, 354

ProEMI 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 155

R

Redesenho Curricular 13, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 142, 151, 152, 153

Resolução de Problemas 13, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 262, 263, 338

Reutilização da água 33, 42, 43, 44, 45

S

Saúde 12, 13, 3, 47, 72, 73, 79, 114, 116, 156, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 236, 257, 391, 404, 405, 411

Saúde Coletiva 13, 47, 156, 159, 160, 161, 164

Sentido subjetivo 242, 244, 245, 246, 247, 248

Sertão 11, 22, 23, 24, 30, 355

U

Usina hidrelétrica 33

Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR

Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Sou um aprendiz do tempo,
A vida me ensina,
Todo canto e momento,
Na chegada e partida,

1

Na dor do educador,
No verso e na rima,
Na canção do trovador,
Nos olhos da menina,

leio o mundo e o livro,
Um pensar, devaneio,
Ando preso? Estou livre?
liberdade ou maneió?



Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR


Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Sou um aprendiz do tempo,
A vida me ensina,
Todo canto e momento,
Na chegada e partida,

1

Na dor do educador,
No verso e na rima,
Na canção do trovador,
Nos olhos da menina,

leio o mundo e o livro,
Um pensar, devaneio,
Ando preso? Estou livre?
liberdade ou maneió?

